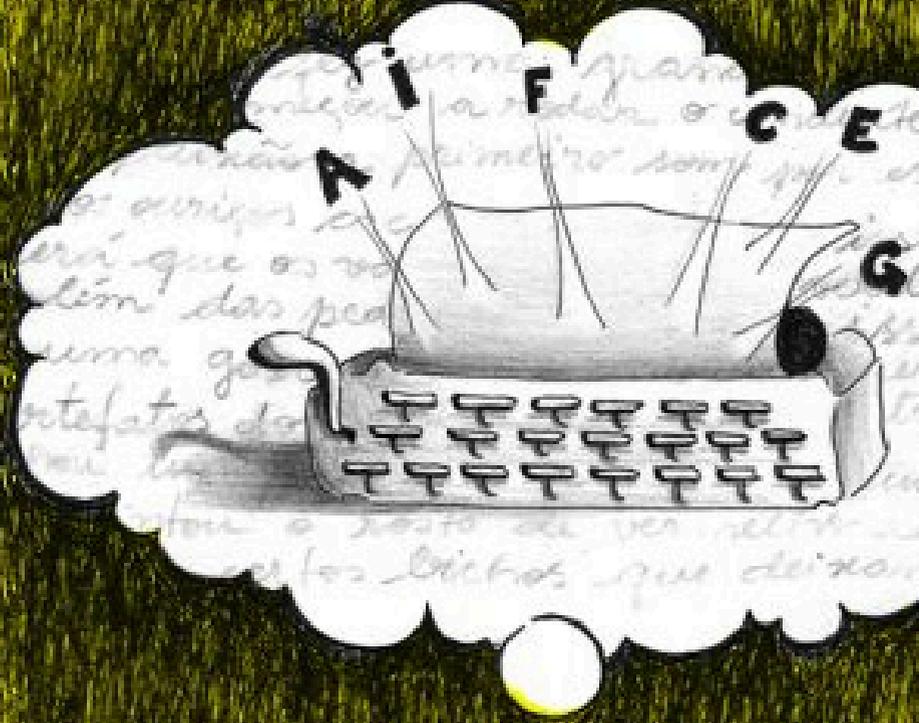


FLÁVIA MUNIZ CIRILO



JOANA E ALTAMIRA



FLÁVIA MUNIZ CIRILO

JOANA E ALTAMIRA

ILUSTRAÇÕES ANA MUNIZ

Uma produção Caki Books Editora Ltda

Copyright texto © Flávia Muniz Cirilo

Copyright ilustrações © Ana Muniz

Editor Cristina Hodge-Böhm

Projeto gráfico e diagramação Thiago Venturotti

1ª. edição, 2012

Joana e Altamira

Portuguese edition Copyright © 2012 by Caki Books Editora Ltda.

All rights reserved.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem prévia autorização, por escrito, da Editora.

Cirilo, Flávia Muniz

Joana e Altamira / Flávia Muniz Cirilo;

ilustrações de Ana Muniz. - Rio de Janeiro: Caki Books, 2012

38 p.:il.

ISBN: 978-85-63792-75-4 CDD (B869.8)

1.Literatura infanto-juvenil. I.Título

CAKI BOOKS EDITORA LTDA

www.cakibooks.com.br

editora@cakibooks.com.br



ESTE LIVRO É DEDICADO
À CURIOSIDADE, À FLORESTA,
ÀS CIDADES E A TODA
A HUMANIDADE.

O trecho da página 13 é uma compilação de recortes de músicas de Alfredo Gregório de Melo.

APRESENTAÇÃO

É porque o vento sopra que as copas das árvores se deixam levar pelo movimento. É por isso que o bambu tem um tilintar, que as sementes voam e os pássaros descansam suas asas. É porque tem história que a máquina de escrever marca o tempo de cada letra. É porque tem curiosidade que tem pergunta. É porque tem resposta que tem imaginação. Voa semente do bico dos pássaros e da força do vento. Voa imaginação para tudo que não tem explicação, ou que se já tem, pode ter outra.

Joana e Altamira. Filha e mãe. Uma quer ser máquina de escrever e a outra tem o alvo, aponta e acerta a mira. Este é um livro de utensílios modernos e arco e flecha? Não, neste livro não cabe a realidade mecânica de um utensílio moderno, nem a linha reta de uma flecha rumo ao alvo.

Neste livro cabe a imaginação que surge como um sopro contínuo de vento. Mas para o vento soprar poesia, os pés de Joana estão bem apoiados no chão. Ela tem raiz, é quase árvore, ama a Terra, se preocupa, entende que sua existência depende da boa saúde do meio ambiente. Quer ser poeta pés na Terra e rumo às estrelas, ao som da máquina de escrever, que registra a possibilidade e a impossibilidade de contar todas as histórias do mundo e a vontade de compi-

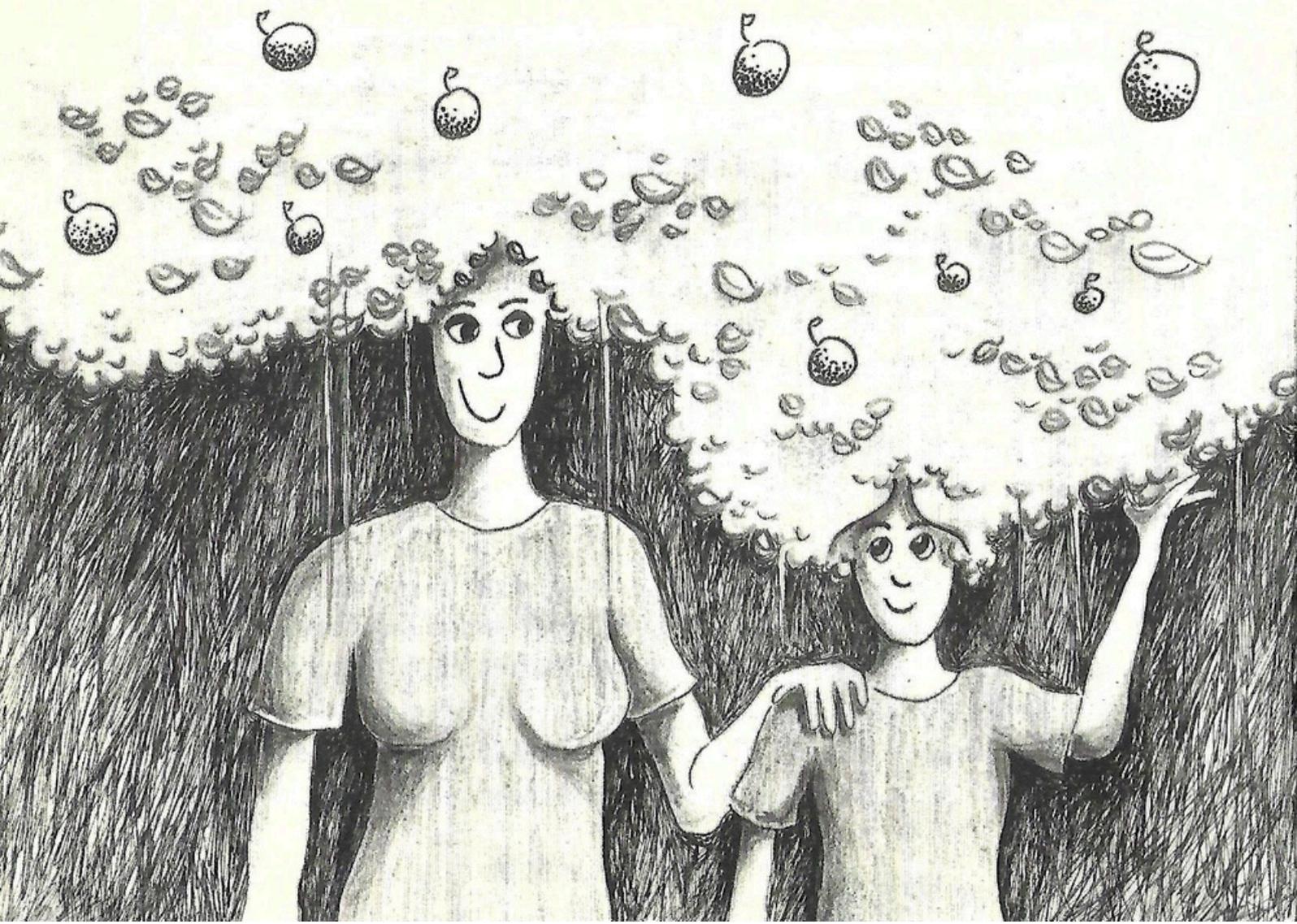
lar toda a curiosidade. Como descrever os detalhes, que não estão aos olhos de quem vê por simplesmente olhar? Joana tem as lentes da imaginação, o mundo que enxerga é um mundo que está além do cotidiano. Pergunta, descobre e faz eucalipto virar verbo e poema: “Eucalipto, tu caliptas, ele calipta,...”

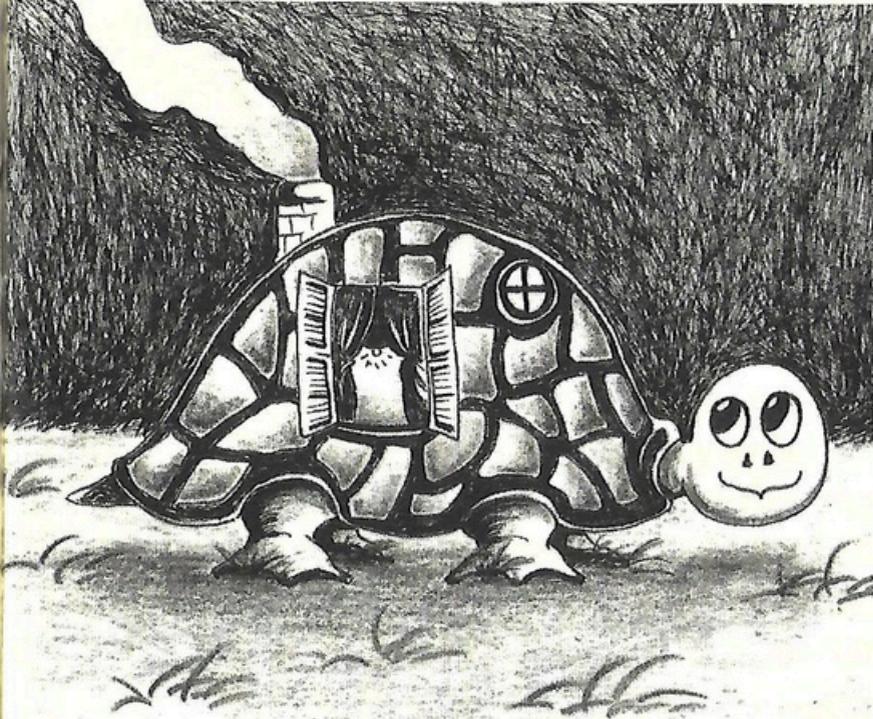
Altamira, mãe de Joana, é tiro certo. Sabe contar a história certa no momento certo. daquelas histórias que ajudam a entender um pedacinho da vida. É mulher simples que conta por que tem boca e vivência, seu dicionário é sua sensibilidade e seu livro é de cabeceira, daqueles de consultar todo dia.

Uma menina que sonha em ser máquina de escrever, principalmente sonha. Pode perguntar tudo e pode inventar histórias. Não seria Joana a nossa parte mais feliz?

Fabiana Pinho

Joana é filha de Altamira. Sua mãe é mulher muito forte, parece árvore milenar do tipo que só encontramos na floresta amazônica. A menina, às vezes, até pensava que era filha de árvore. Imagina Joana-jatobá, Joana-jequitibá. Joana-cajueiro, Joana majestosamente ajeitando os cabelos que são sua copa.





- Sabe filha... Eu acho mesmo é que todos os animais receberam o guia prático da floresta no início do mundo...

Joana pensou até tarde em outros bichos arquitetos: o casulo da lagarta, os ninhos dos pássaros, a colmeia hexagonal das abelhas. E dormiu se perguntando:

- Como bichos pequenos fazem casas tão elaboradas?

O sonho da menina era ser máquina de escrever. E dava de tagarelar palavras. As coisas que via viravam cinema.

- O jabuti é um arquiteto muito prático, mãe! Ele leva a casa para onde vai!

- Joana! Ele tem o guia prático da floresta!

- E os joões-de-barro, mãe? Também têm esse guia?



Altamira voltou a estudar depois de grande. Está no quinto ano do ensino fundamental, o mesmo de Joana.

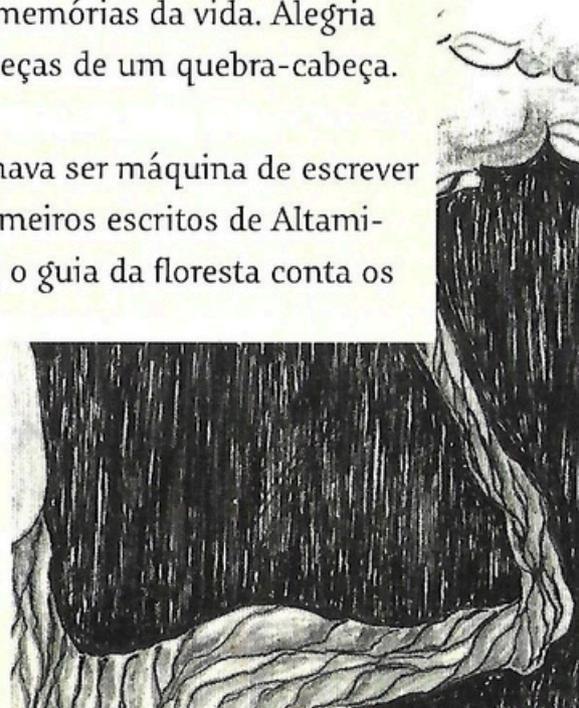
- Felicidade é um todo dia danado! Quando eu era pequena pensava que felicidade era uma ilha, aonde se ia de barco e dizia-se com os dedos no covado: Sou feliz! Ah! Ah! Ah! Às vezes, esperava que não houvesse mais sonho nublado. Imaginação fértil ou delírio de menina que se esquece de crescer. Artimanhas, artificios. Assim era Altamira. Mulher de fibra, seiva nas veias, raízes profundas.



Mãe e filha, além de mesmo ano escolar, estudam na mesma classe. São grandes alunas porque desejam aprender, e para ser bom aluno isso basta. Para elas o mundo parece livro. Altamira tiro certo. É assim que o professor de literatura refere-se à mãe de Joana. A moça é boa de histórias.

Cheia de ideias, começou a escrevê-las no papel, assim, soltas mesmo. Lembranças da infância, casos contados por tio Alfredo, memórias da vida. Alegria imensa de utilizar o alfabeto como quem monta as peças de um quebra-cabeça.

E assim, começou a história da menina que sonhava ser máquina de escrever e Altamira tiro certo. Quero mostrar a vocês os primeiros escritos de Altamira. Inspirou-se na própria filha e também na família; o guia da floresta conta os casos da sua vida.



O GUIA PRÁTICO DA FLORESTA

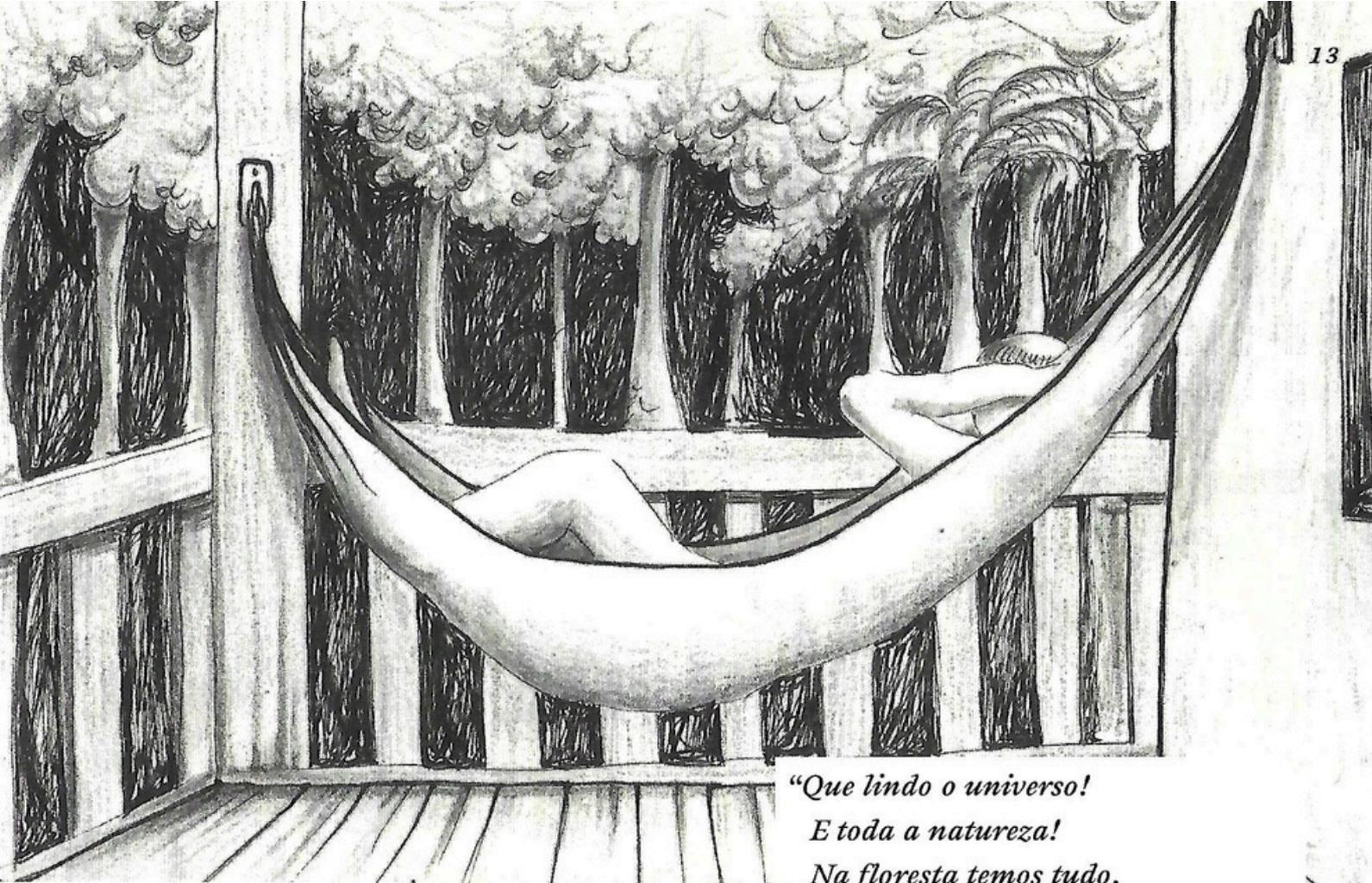
Esta é uma história que se passa na cidade grande. Vai e vem de carros, buzinas dissonantes, fumaça de canos de descarga. Mas o que gosto em Joana e Altamira é que sempre se refugiam do caos urbano na casa de tio Alfredo, no Recreio dos Bandeirantes. E conversam:

- Mãe! Do hemisfério norte dá pra ver o Cruzeiro do sul?
- Joana, ainda não entendi muito bem isso de norte, sul, leste, oeste, pólo geográfico, pólo magnético, mas acho que tio Alfredo saberia responder rapidinho.

E lá foi uma curiosidade pingando no conta-gotas. Tio Alfredo foi logo dizendo:
- O Cruzeiro do Sul encontra-se bem próximo do Pólo Sul Celeste, o que faz com que ele só seja visto do hemisfério sul. Mas isso não foi sempre assim. Antigamente, o Cruzeiro do Sul podia ser visto de Jerusalém.

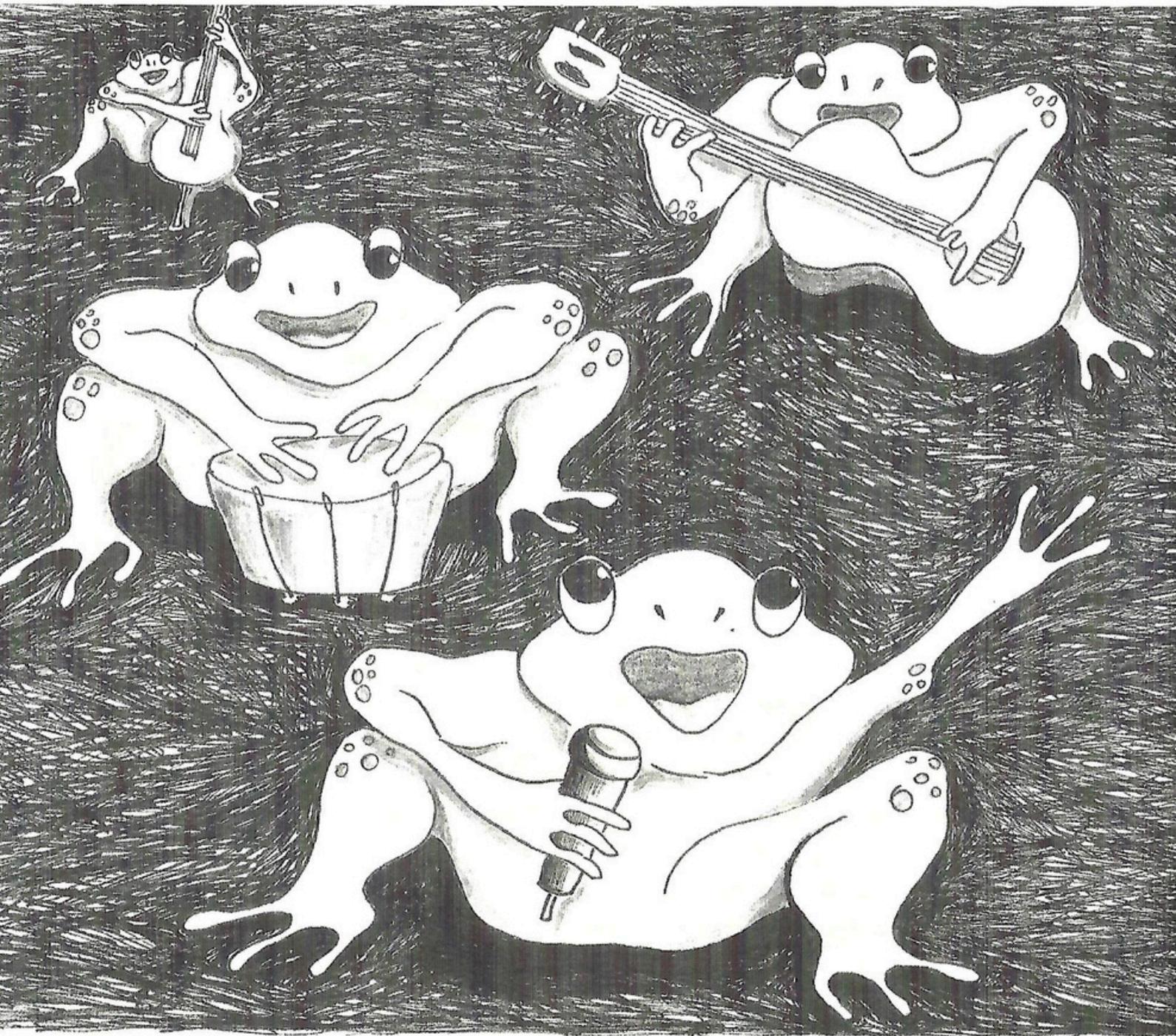
Alfredo é o padrinho de Joana. Homem da floresta. Sabe tudo do céu. Poeta. Já viajou o mundo inteiro. Conhece até lugar que eu não conheço. Viu de perto a arquitetura das Torres de Gaudi, em Barcelona, as pinturas de Van Gogh no museu que era a casa do pintor, em Amsterdã. Já foi até Berlim e viu as ruínas do muro.

Hoje em dia prefere não viajar tanto, pois gosta de cuidar do jardim. Fala que não quer mais sair de lá, criou raiz, virou árvore. Alfredo gosta quando chove



porque as plantas crescem mais rapidamente e o verde delas fica mais verde. Nos dias de sol, precisam ser regadas, pois plantas não têm pés para buscar água quando ficam com sede. Ele adora deitar na rede e da varanda da casa observar a natureza. Muitas poesias são escritas ali.

*“Que lindo o universo!
E toda a natureza!
Na floresta temos tudo.
Esta é a maior riqueza.
Quem destrói nossas matas
Não sabe o que está fazendo
É pura ignorância.
Vamos destruindo nós mesmos.
Eu digo pra toda gente,
Para os habitantes da Terra,
Lá nos outros planetas,
Imagino que não tenha guerra.”*



Joana gosta de ouvir a sinfonia dos sapos-martelo. Na estrada do Rio Grande, perto da casa do tio Alfredo, tem um brejo. Ao entardecer é que se escuta intensamente a grande maestria do coaxar dos sapos. Sabe-se lá o que conversam, pensava a menina. Altamira disse certa vez que havia até uma escola de música para esses anfíbios. Músicos de primeira categoria...

Bom contador de histórias que é, Alfredo disse certa vez que a Civilização Maia acreditava que o coaxar dos sapos anunciava a chegada das chuvas. Esses animais eram associados à fertilidade e ao nascimento. Os índios brasileiros também consideravam que anfíbios protegiam as águas. Reforçou ainda, a idéia de que se não existissem os sapos o mundo seria só mosquitos. E a maior curiosidade de todos os tempos foi: os sapos não bebem água. Joana ficou impressionadíssima com a narrativa do tio e foi pesquisar mais sobre o assunto na internet.

E com seu desejo de saber as coisas começou a conhecer bem mais os bichos. Admira a liberdade das libélulas! Leu que quando voam rápido, seus pares de asas batem em unísono. E se perguntou:

- Hum... O que é unísono? E lá foi ela procurar no dicionário.

u.nís.so.no adj. Que tem o mesmo som que outro • sm Estado de dois sons ouvidos ao mesmo tempo.

- Ah! Entendi! Quando juntos cantamos uma música, ouvimos dois sons ao mesmo tempo.

Na pesquisa, viu que as malabaristas do ar estão sempre perto das águas. E foi para a cachoeira ver se tudo isso era verdade. As libélulas logo sobrevoaram o rio; sentiu-se um pouco fada e nadou no igarapé. As libélulas faziam cosquinhas no espelho cristalino das águas. Joana ria daquela liberdade toda.

A menina queria saber de onde vêm as águas das cachoeiras, dos lagos e dos mares. Onde fica a nascente. Como se formam as chuvas. De que é feito o raio e por quê o trovão faz barulho. Era tanto ponto de interrogação dentro dela que a menina tinha vontade de ser livro, assim saberia todas as respostas.

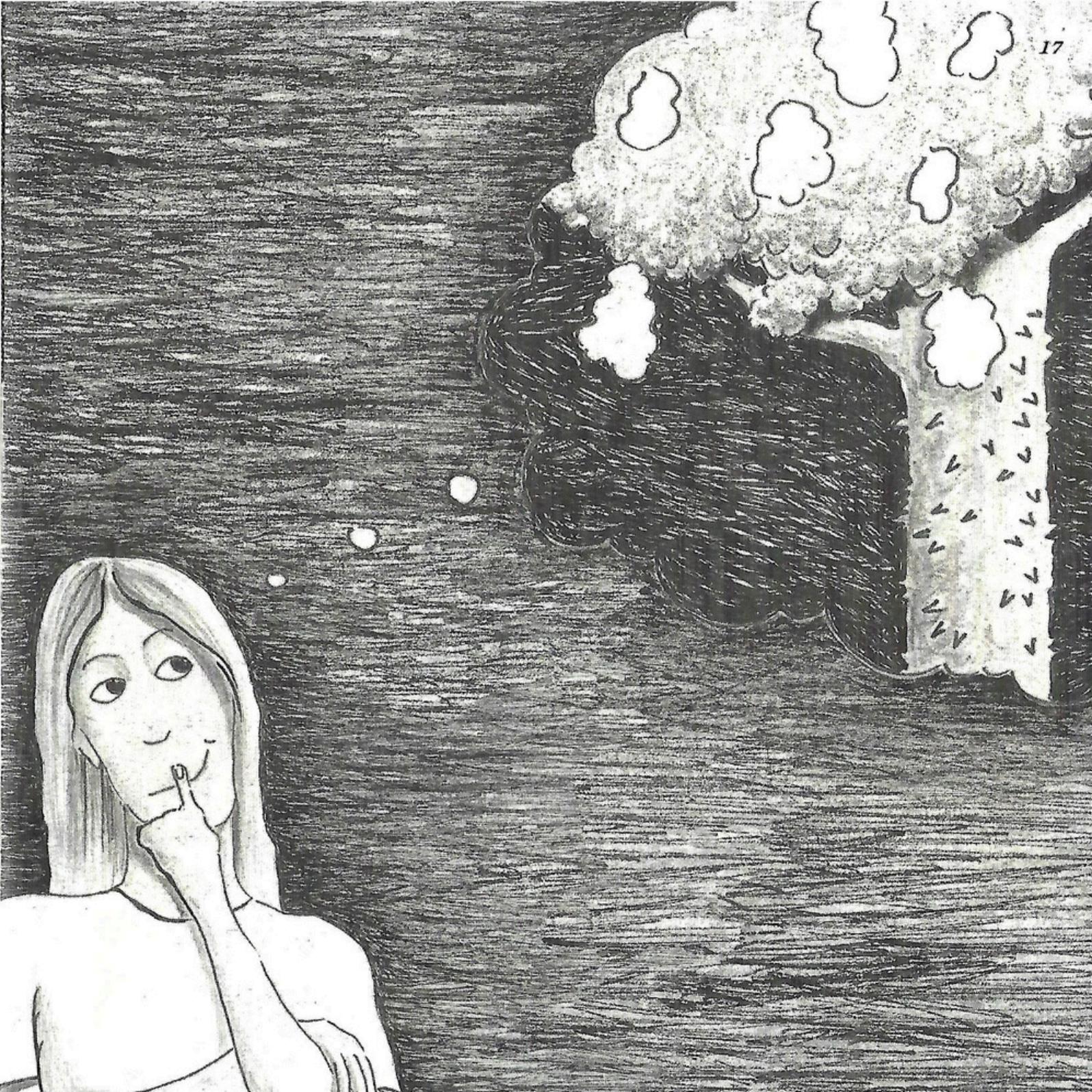
Histórias de floresta não faltam na infância de Joana. Ela gosta de andar pela mata e catar exoesqueletos das cigarras. Anda pelejando pra compreender a afinação do canto delas, mas quando pega o esqueleto externo dessas cantoras pode observar a perfeição da natureza. Dizem que quando a cigarra canta amanhecerá dia de sol e calor.

A mãe gosta de caminhar na floresta com Joana, mas prefere prestar atenção em sementes, folhas, galho seco de madeira. Olhos atentos de Altamira tiro certo. Adora abraçar as árvores almofadas. E exclama:

- Que árvores intrigantes! Devem ser as camas dos gigantes que dormem em pé!

A textura das árvores encanta a senhora boa mira. Ao lado da pedra da lua há uma árvore que ela nem sabe o nome, mas faz com que ela se pergunte:

- Como pode um tronco espinhento produzir algodão? Espinhos e leveza em um mesmo corpo... Refletiu que os seres humanos são um pouco assim também.

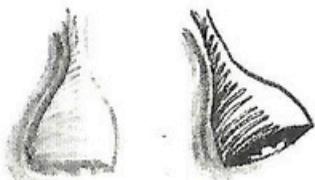


Tudo o que vê pelo caminho transforma em matéria-prima. Arte orgânica.
 É assim que chama o que faz. Coisas simples. Nada muito elaborado não.
 Gosta do que faz e isso é o que importa.

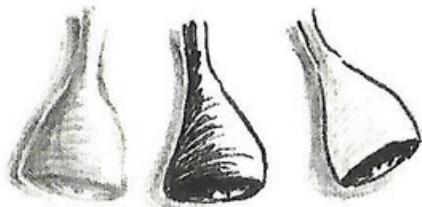
Um belo dia pegou os sininhos de eucalipto e disso fez poesia: um sininho preto, outro sininho verde, ainda um terceiro marrom. Três sininhos juntos. Dois sininhos: um verde e um marrom. Um cacho de quatro sinos. Tudo isso colado na cartolina virou presente para madrinha.



Eu calipto

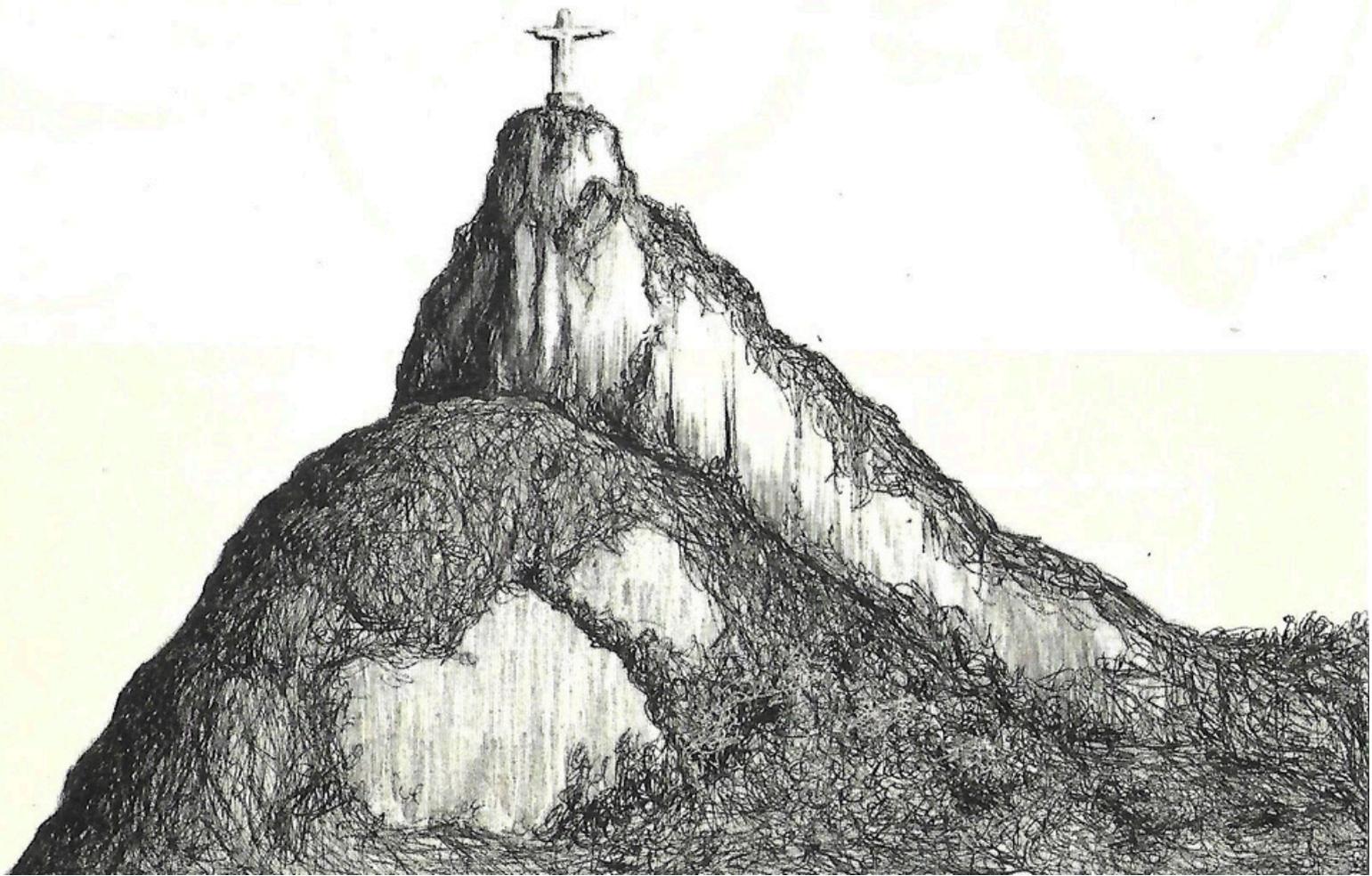


Tu caliptas



Ele calipta

A Itamira visualizava formatos: galho-mão, toco-embarcação e ainda dava nome às pedras. Pedra da lua, da baleia, do navio. Mas dar nome às pedras não é característica específica dela. E é por isso que existem Pão de Açúcar, Dois Irmãos, Corcovado e Pedra da Gávea. Afinal de contas, as coisas precisam de nomes, para se saber reconhecê-las. E o nome dessas pedras não foi a mãe de Joana quem escolheu.





Segundo me contaram, a filha de Altamira fez uma grande descoberta na pedra da lua: começou a rodar um conduíte, e percebeu que o som produzido atraía borboletas. Inventou o “chamador de borboletas”. Paixão ao primeiro som por essas leves bailarinas fez com que a menina criasse lagartas.

Observou que algumas lagartas possuem nariz de palhaço e até calça listrada. Riu alto por isto. Prestou atenção na arquitetura dos casulos. Selecionou folhas para a alimentação das lagartas até o dia da transformação. Ficou triste ao descobrir que as borboletas vivem tão pouco. Talvez um mês...

Além das pedras que Altamira nomeou, tem no terreno de Alfredo, lá no alto do morro, uma espécie de menir – uma pedra equilibrada sobre outra que até parece que alguém as colocou ali. Antigamente, o terreno era habitado pelos índios Caetés. Joana gostaria de encontrar cerâmicas e artefatos dos habitantes de outrora. E se perguntava como era a língua que falavam e quais as suas lendas. Provavelmente pescavam, porque o sítio fica bem perto do mar. Achou um pé de urucum, pintou o rosto de vermelho e correu pelo terreno brincando de curumim.

Tem certos bichos que deixam Joana com a pulga atrás da orelha: o bicho-pau é um bom exemplo. Aquele bicho tão perfeitamente pau. E pulou uma pulga, depois outra:

- Será que os vaga-lumes são as lanternas verdes das fadas?
- E os ouriços-cacheiros? Será que são alfaiates e por isso levam consigo as agulhas?

Perguntava-se por que será que o louva-a-deus reza tanto. Quem sabe se os bem-te-vis cantam pra tudo ficar bem. Talvez os grilos sejam muito preocupados... Haja pulga atrás da orelha! E por falar em pulgas, elas são as maiores atletas do mundo!

O padrinho da menina diz que as aranhas são as mulheres rendeiras da natureza. O sol é o ímã do sistema solar, a lua é um canudinho que dá até pra sugar a imensidão. As estrelas são as luzes das casas de quem já morreu.

- E como as pessoas vão daqui até as estrelas depois que morrem? – perguntou a menina.

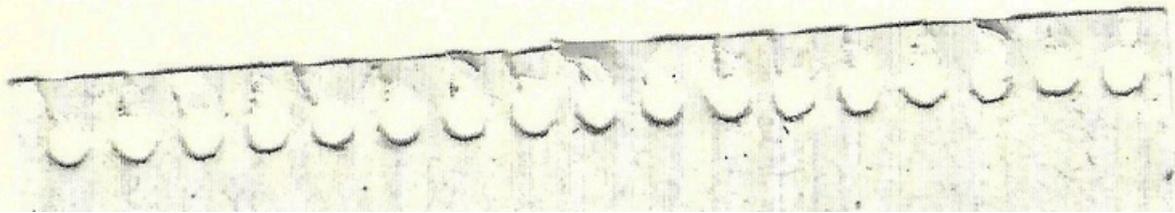
- Cada um vai de uma maneira, Joana. Tem pessoas que constroem foguete rumo às estrelas, respondeu Padrinho Alfredo.

- Então só pode ir quem é astronauta?

- Não. Quem é poeta pode até chegar mais rápido. Depende mesmo é da quantidade de amor no coração. Veja o sol. O sol é uma estrela. É a maior estrela que vemos da Terra. Ela brilha igual para todos! Existe uma lenda que diz que o sol era um gigante que amou tanto que virou a única estrela que se vê durante o dia. E agora chega de perguntas porque você já está parecendo um grilo falante!

Um beija-flor voou. Joana adora beija-flores. Alimentam-se do néctar das flores e por isso são tão leves. A menina sorriu e decidiu, naquele dia, que seria uma poeta rumo às estrelas.

Escreveu antes de dormir no bloco de papel reciclado:



Eu sou bem pequenina,
e adoro a floresta.

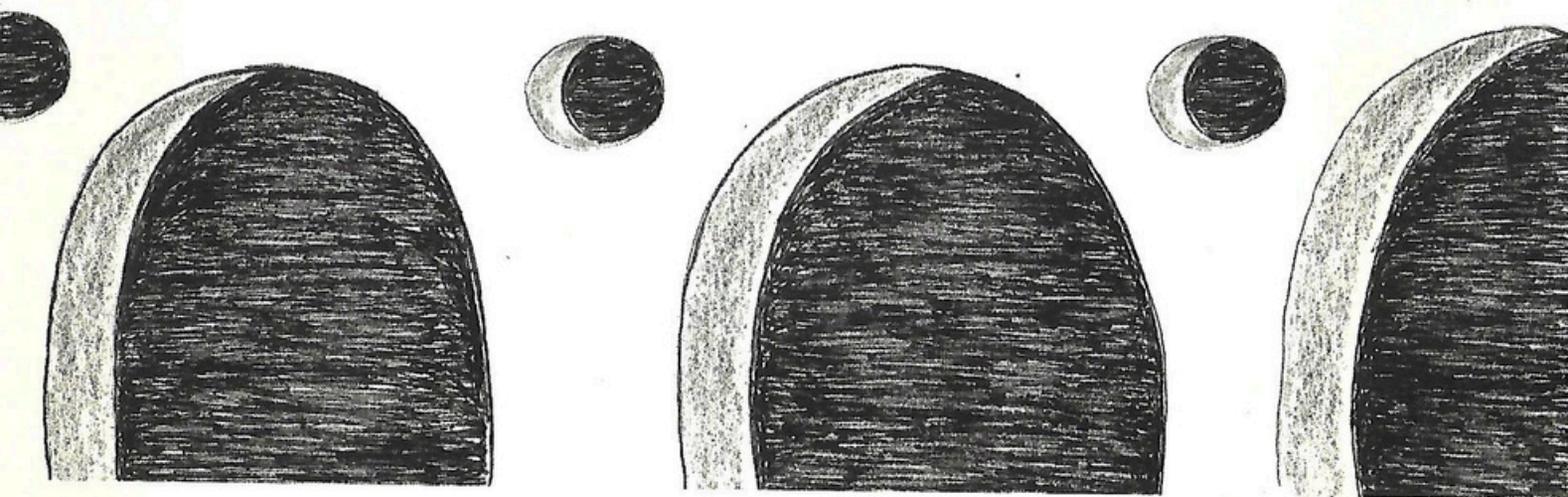
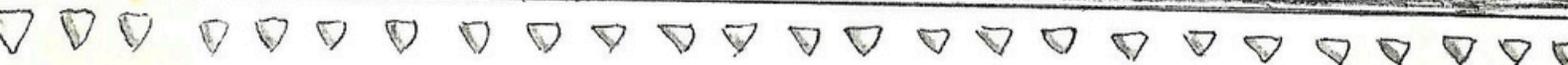
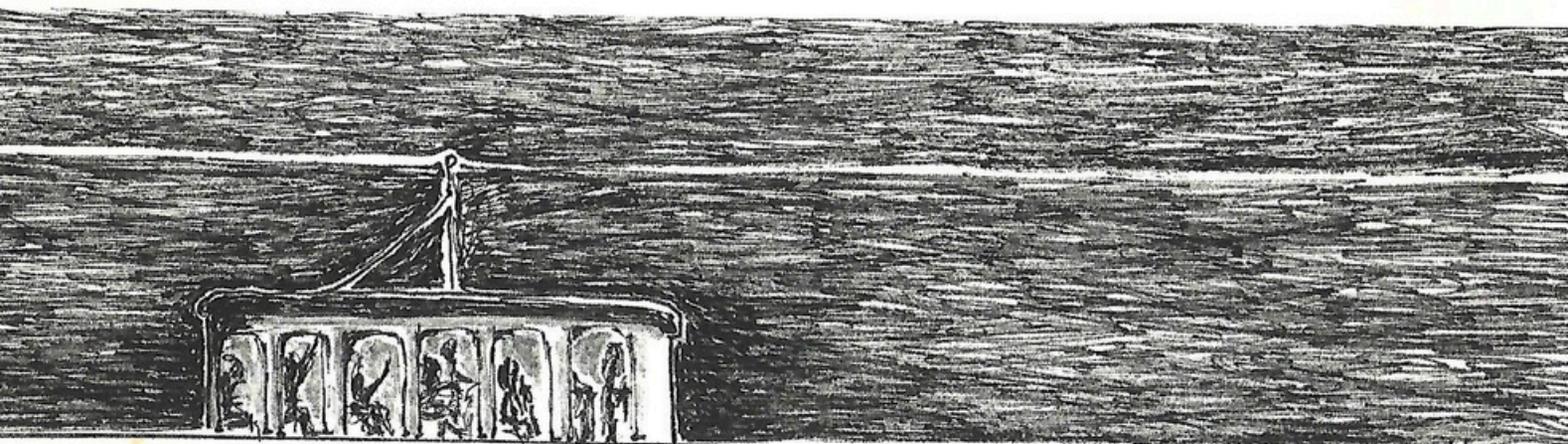
Todos os animais,
eu gosto muito.

As flores são muito belas.

Vou construir um foguete,
vou até as estrelas,

mas sou uma menina
Terra.

Mãe e filha são moradoras do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Adoram subir de bonde as ladeiras do bairro. O bonde atravessa os Arcos da Lapa – aqueduto que transportava a água do rio Carioca até a cidade, no Rio antigo.



*O livro foi escrito em 2007.

colégio onde estudam fica próximo ao Horto Nova Manhã. Lá funcionam: a rádio comunitária e a Ong que Altamira coordena. Joana queria ler a poesia que fez, no programa de rádio que a mãe apresenta. O programa é um boletim que trata de ações ecológicas praticadas pela associação de moradores. O Horto tem um convênio com a escola. Os professores organizam aulas práticas lá. Essas são as aulas preferidas dos alunos.

Quando era menor Joana tinha mania de levar novidades para o colégio. Insetos nos vidros eram os preferidos, destampados para não sufocá-los. Os alunos do colégio de Joana possuem um diferencial em relação aos outros da cidade. No ano anterior, participaram de uma Feira de Ciências Municipal, com alunos de escolas mais urbanas, que ficaram espantados com o tamanho das formigas saúvas. Uma vez, Joana viu num programa de televisão, que havia criança que pensava até que galinha era animal pré-histórico.

- Imagina só... Pensou a pequenina.

Ah! O vento... O som do vento. Uivam, mas não são lobos. Gostam os três de sentar no bambuzal para ouvir o vuum do vento. Para os chineses devemos ser tão flexíveis quanto um bambu. Envergar com a ventania sem quebrar. Padrinho Alfredo sempre conta que os sacis moram no oco do bambu e é por isso que devemos cortá-lo nos gomos, para não ferirmos esses guardiões da floresta. Acho que ele ouviu isso numa história de Monteiro Lobato...

Padrinho Alfredo havia prometido fazer uma flauta de bambu para Joana. A menina queria soprar o instrumento e imitar o som do assovio do vento quando passa entre as plantas. Nesse mesmo dia, saíram a caminhar à beira mar e pararam para tomar água de coco.

- Padrinho Alfredo, como a água aparece dentro do coco?
- Embaixo de cada coqueiro tem um poço que puxa os sais minerais da terra, depois os duendes do coco adoçam a água. E por isso que tem água que é mais doce e outras não. Às vezes os duendes erram a mão.

Joana ficou pensativa e disse em seguida:

- Queria ver o duende do coco...
- Eles não gostam de aparecer, amor. São muito ocupados. Dizem que quando são vistos eles erram a medida do doce na água.

Depois Alfredo disse que a árvore que dá o coco é a palmeira. E olha como tem espécie de coco nessa terra brasileira: buriti, açaí, babaçu, palmeira-barriguda, indaiá, tucumã, murumuru, catolé, marajá-açú, piassava, carnaúba, palmito, paxiúba. Vixe Maria! É tanto tipo de coco que a cuca de Joana quase quebrou. Deitaram na areia e observaram o voo das gaivotas.

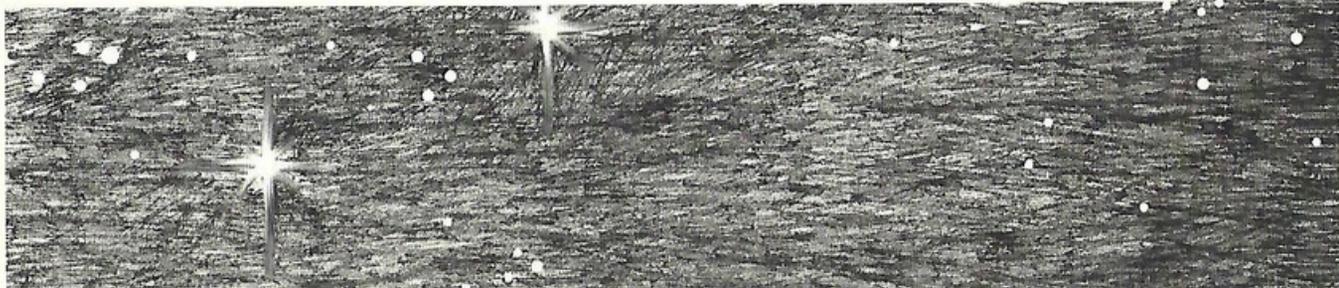
- Veja Joana, elas voam em V. Vai uma no vácuo da outra.

Dona Julia é a tia de Alfredo, ela não tem medo de navegar, por isso vem de tão longe. Foi em janeiro, a segunda vez, que Joana encontrou com aquela criatura tão respeitável. Uma senhora aparentemente frágil pela estatura de seu corpo, mas forte feito samaúma por sua fortaleza. Joana gosta do sorriso da anciã. A menina olhava com muito amor para aquele beija-flor em pessoa. Observava cada ato. Não queria esquecer o olhar. Gostaria de saber por que as pessoas vão embora e sentem saudade, mas os pássaros cantam e voam livremente... Deve ser porque os pássaros são os maiores jardineiros do mundo. Vivem para espalhar as sementes das árvores pelo planeta.

Joana jurava de pé junto que a melhor noite de sua vida foi aquela, que tomou coragem e mergulhou no mar escuro para nadar com os plânctons. Foi uma sensação de estar imersa na Via-Láctea. Seus braços viraram galáxia. Teve um pequeno vislumbre do que foi o Big Bang.

Foi nessa mesma noite que padrinho Alfredo explicou para Joana a mitologia do céu.

- As Três Marias são o Cinturão de Órion – o caçador. Acima delas está a cabeça dele. As outras duas mais brilhantes são seu arco e flecha. Abaixo do cinturão estão seus joelhos.





Joana ficou olhando para a imensidão até conseguir ligar os pontos.

- Consegui ver a constelação! E aquela chavinha mais para lá, padrinho?
- Aquelas são as plêiades! São sete irmãs que são a chave do céu.

Altamira andava radiante com suas descobertas, por aprender tanto com a vida e com a filha. Desde que decidiu olhar-se no grande espelho do conhecer a si mesma, é que entendeu esse mistério de autoestima. Ser a flor e o regador ao mesmo tempo. Cuidar-se. Transbordar amor. A felicidade é ser feliz todo dia!



Desde pequena Joana ficava bastante curiosa com a vitória-régia.

- Como é que essa planta bóia sobre a água sem afundar? Sempre sentiu vontade de dormir numa daquelas imensas vitórias-régias amazônicas.

- Também, com esse nome! Parece até rainha! Imaginou-se deitada numa grande vitória-régia.

A menina olhou o peixe cavalo-marinho e lembrou-se de seu pai. Os cavalos-marinhos são os que ficam grávidos levando os filhotes na bolsa. Imaginou seu pai grávido. Riu só de pensar. Resolveu escrever uma carta para ele.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2007.

Pai,

hoje descobri na aula de ciências que o cavalo-marinho macho é quem carrega os filhotes em sua bolsa localizada na cauda. Assim como os camaleões, os cavalos-marinhos também mudam de cor. Cavalos-marinhos gostam de águas calmas e estão ameaçados de extinção. Muitos outros animais também estão.

A professora leu pra gente a Carta da Terra. Não consigo entender por que ainda desrespeitam a vida. Aprendi o que é biodiversidade - a vida e a sua diversidade. Pela primeira vez pensei que se eu não cuidar da Terra, como será o planeta no futuro? E compreendi bem o que é destruir um ecossistema: quando se coloca fogo numa floresta todas as aves que vivem ali ficam ameaçadas.

É agora o nosso colégio está reciclando tudo. Nunca pensamos para onde vai o lixo que produzimos. Devemos separar os restos de comida dos metais, plásticos, papéis e vidro. O lixo que atrai bicho é o lixo orgânico. E dele pode ser feito adubo. As outras coisas podem ser reaproveitadas. Em alguns lugares já tem coleta seletiva. Tem uma oficina e nós criamos um monte de coisas. Eu fiz até um móvel de coração de papelão pra te dar.

Nós aprendemos a fazer uma horta. Plantamos manjeriça, alface, hortelã, cenoura, beterraba e mandioca. Toda semana vamos plantar novas folhas e raízes. Foi muito legal porque nós medimos o canteiro, mexemos na terra e plantamos outras coisas também. Eu plantei um Pau-Brasil.

A professora disse que reciclar e plantar são formas sustentáveis da vida.

A carta fala também de amor e de respeito às mulheres, às crianças e aos jovens. Respeito aos índios e aos negros. A carta diz outras coisas que não lembro. A minha mãe disse que vamos passar a participar sempre do Fórum Social Mundial: a ideia de Fórum é construir um outro mundo possível. Tem muita coisa acontecendo, pai. Estou animada! Agora eu tenho que ir tomar banho. Bem rápido, para economizar água!!!

Um beijo da sua filha Joaninha vermelha de bolinhas pretas. Sabia que as joaninhas é que cuidam do jardim e por isso trazem sorte?

P.S.: Pai, porque você e a mamãe não são como as harpias, as águias e os tucanos, que se unem por toda a vida?



O pai de Joana é de aparecer pouco. Mora longe. Lá no Acre, Xapuri. É seringueiro. Aprendeu tudo de seringal com Chico Mendes. Começou a trabalhar cedo na extração da borracha. Ainda menino participou da luta pela preservação da floresta.

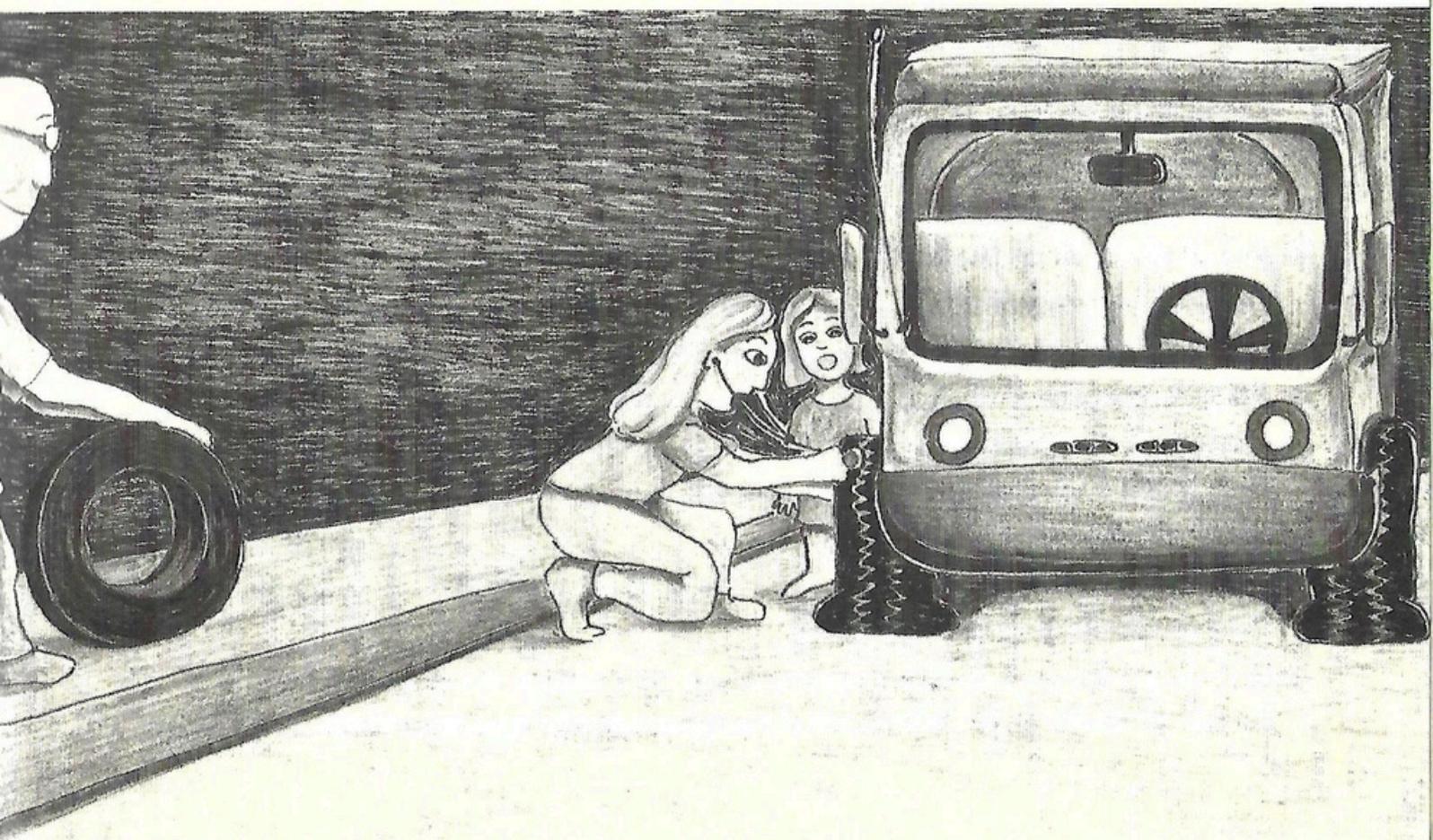
Foi durante a Eco 92 que o pai de Joana conheceu Altamira. Eles eram de ONGs que participaram do evento. Muitas propostas foram elaboradas no encontro ecológico. Metas a cumprir e ajustes no modo de vida do homem moderno que garantissem um futuro mais digno para as próximas gerações. Joana é fruto desses planos de construção de um mundo melhor.

Hoje o pai da menina atua no plano de “jardinagem florestal participativa”. A comunidade trabalha com recursos próprios e como ele é um dos coordenadores do projeto não pode sair muito de lá. Saiu somente para o 2º Encontro Nacional dos Povos da Floresta (o objetivo desse encontro foi debater o desenvolvimento sustentável da Amazônia, discutir ações de conscientização sobre os efeitos das mudanças climáticas, e definir uma agenda para acelerar o processo de redução

da pobreza entre as comunidades das florestas). Afinal seringueiros, quebradores de coco, pescadores, enfim, todos os trabalhadores precisam de melhores condições de trabalho. E isso só se conquista participando.

Ultimamente Joana está impressionadíssima com o aquecimento global. Joana imaginou que a Terra era um caminhão e as calotas polares, os pneus. Então pensou assustada:

- Se as calotas estão derretendo significa que o pneu furou, mas onde é que estão os estepes?





A Itamira tem certeza de que as rodas substitutas estão no coração de cada um que ama o planeta. Acredita no livro que escreve porque sua vida é ser porta-voz dessa bandeira.

- Devemos poupar os recursos naturais, construir uma sociedade solidária e utilizar os nossos conhecimentos para viver no bem estar.

- “A Terra é uma casa grande, Joana! Tem um monte de gente diferente, mas todos são iguais. Não importa a cor, o sexo, a cultura, a idade, todos têm os mesmo direitos”. Sonhou que o pai falava isso pra ela. Ficou sentada na cama. Pensou, pensou, pensou e começou a fazer uma música:

*“A Terra é casa grande,
muita gente mora nela.
Mas pai como é que faz
pra deixar tudo arrumado?
Todo dia rego as plantas,
eu brinco de dar abraço.
Pinteí a casa de verde,
quase todos me ajudaram.
Roda, roda, roda, roda
Passa um dia inteiro.
Roda, roda, roda, roda
Gira a ciranda dos nossos direitos.”*

Ela não entendeu muito bem. Apenas escreveu o que veio na sua cabeça.

Joana nasceu um pouco antes da virada do século. É uma menina do século XXI. Altamira, tantas vezes, sentia-se filha de sua filha. Pensava: “essas crianças já nascem sabendo.” Altamira era de outra geração. Nasceu no ano do golpe militar, passou a primeira metade da vida sob o regime ditatorial. Hoje vivemos em democracia. Temos acesso a todo tipo de coisa e de informação. Devemos valorizar o que conquistamos.

Nos últimos dias, todo tipo de conversa virou entrevista. Altamira precisava buscar inspiração para terminar de escrever seu livro. Que no final das contas, contava a sua própria história. Joana fez os desenhos. A mãe insistia para a filha não deixar de fazê-los. A menina é boa de traço, além disso, deu muitas ideias para o livro. Os amigos do bairro estavam torcendo por elas. Ainda precisavam escanear as figuras, às pressas. O dia de colocar no correio era feriado de Zumbi dos Palmares e o colégio estaria fechado (esse feriado é muito importante, pois Zumbi foi uma grande liderança. A vida no quilombo dos Palmares foi uma alternativa encontrada para o povo negro ter direito à liberdade). Joana e Altamira estavam otimistas, radiantes!

No dia da colação de grau da mãe e da filha é que lançaram o Guia Prático da Floresta. Havia certo burburinho, pois o colégio divulgou para os jornais o Prêmio de Literatura. Os diretores da escola reconheceram o potencial ecológico do livro. Os novos leitores poderão aprender com aquelas informações simples, porém preciosas. As duas estavam tão animadas e agitadas com a festa que não teve um minuto sequer da sua atenção.

Em entrevista aos repórteres, Joana disse:

- Quando eu crescer quero mesmo é ser poeta, porque ser poeta é dar outros nomes às coisas do mundo, nomes que vêm do coração.

○ repórter pediu que declamasse um poema. Joana ficou um pouco tímida, mas resolveu falar duas poesias que havia feito para a comemoração do Dia do Meio Ambiente. Sabia de cor:

“Eu quero pedir aos homens poderosos, uma coisa:

Nenhuma criança deve trabalhar.

A infância foi feita pra toda criança poder brincar.

Quando a gente cresce é que é hora de ir pro trabalho.

Por enquanto estudamos.

Isso é que é necessário.”

“Árvore bem alta

que vê tudo aí de cima,

avisa aos passarinhos,

que cantem fazendo som,

Porque eu, o Almir Sater,

O Manoel de Barros, o Tom

E muitos outros brasileiros

Gostamos do que é bom.

Eu gosto do pintassilgo,

O beija-flor é o meu preferido,

Tem o tiê-sangue, o bem-te-vi,

O sanhaço, o tico-tico

O curió e o azulão.

Eu quero-quero

Ver andorinha,

canário-da-terra,

patativa, rolinha,

todos vivendo no verde das matas,

voando livres, batendo as asas.

Sem os pássaros

não haveria árvores,

sem as árvores

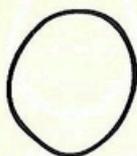
não teríamos vida,

O mundo seria sem graça,

Eu sem poesia.”

Foram muitos os aplausos. A menina ficou com as bochechas rosadas. Altamira já pensava em lançar outro livro. Gostou do ofício de escritora.

- O Guia Prático da Floresta é uma realização. Eu sempre acreditei no mundo dessa maneira. E agora que sei ler e escrever, tudo vai ficar mais fácil. Tem muita coisa moderna que precisa se unir à tradição. Eu já conheço bem a tradição, agora vou é saber da coisa moderna. Acho que vou ser mais respeitada, disse a senhora mira alvo ao repórter.



encerramento contou com a presença do compositor João Moringa, morador de Santa Teresa, cantando seu grande sucesso:

HOMOFLORENSIS

“O ciclone chegará

Voarão os papéis da mesa

Levará minha voz cantante

Para a Indonésia, para Indonésia

Homoflorensis, homem de flores

Traz tantas flores na mão

Para o homosapiens

Para a humanidade inteira.

Ser humano é:

Cuidar bem da Terra

Da natureza

De todas as espécies do Planeta!”

Esta história termina assim: Joana contente por realizar seu sonho de ser máquina de escrever e Altamira feliz por sua mira precisa de tiro certo.



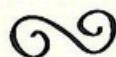


Livro composto com a tipografia Sovereign Regular
e Demi bold. Título e capitulares, letra manuscrita.
Outono de 2012. Rio de Janeiro.

Ana Kemper



Flávia Muniz Cirilo é carioca e além de escrever, canta e faz canções. Tem algumas publicações: Quero ver verdejar (2008), Coleção Compacto Simples (2009), Vilarejo-pergaminho do fogo (2010) e Bárbara e a baleia (2011), pela editora Multifoco. Participou do Apalpe - a palavra da periferia em 2010. Como vocalista da Luisa mandou um beijo tem três álbuns lançados e participação em diversas coletâneas na Europa e nas Américas. Em 2010 o grupo ganhou o prêmio Catavento. Estudou bacharelado em música popular brasileira, na Unirio. Está às vésperas de lançar seu álbum de estreia pelo selo espanhol Elefant Records. www.flaviamuniz.net



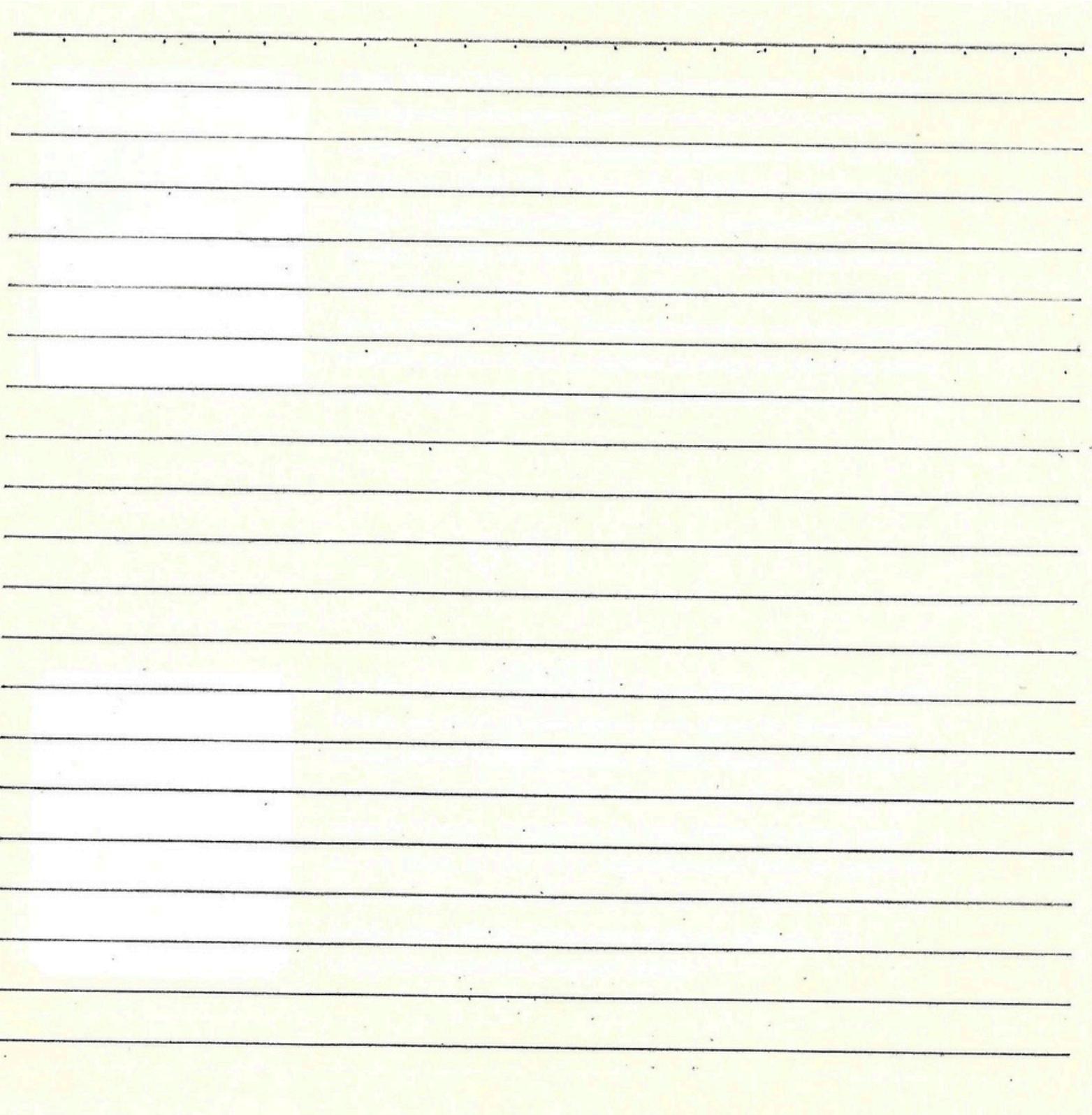
Juliana Cioffi



Ana Muniz se formou na Escola de Belas Artes - UFRJ, no curso de Pintura, em 2009. Ilustrou alguns livros: Quero Ver Verdejar (que rendeu oficinas lúdicas, realizadas no SESC Tijuca - RJ, em 2010 e workshops, realizados no SESI-SP, em 2011), e também ilustrou as capas de Vilarejo - Pergaminho do Fogo, Bárbara e a Baleia, lançados em 2009, 2010 e 2011, respectivamente. Todos de autoria de Flávia Muniz Cirilo. Participou também do livro lançado pelo Coletivo, Caneta Lente e Pincel, Caneta, Lente & Pincel - Antologia, 2011.

<http://anamunizcirilo.blogspot.com.br/>







padrinho da menina diz que as aranhas são as mulheres rendeiras da natureza. O sol é o ímã do sistema solar, a lua é um canudinho que dá até pra sugar a imensidão. As estrelas são as luzes das casas de quem já morreu.

- E como as pessoas vão daqui até as estrelas depois que morrem? – perguntou a menina.

- Cada um vai de uma maneira, Joana. Tem pessoas que constroem foguete rumo às estrelas, respondeu Padrinho Alfredo.

- Então só pode ir quem é astronauta?

- Não. Quem é poeta pode até chegar mais rápido. Depende mesmo é da quantidade de amor no coração. Veja o sol. O sol é uma estrela. É a maior estrela que vemos da Terra. Ela brilha igual para todos! Existe uma lenda que diz que o sol era um gigante que amou tanto que virou a única estrela que se vê durante o dia. E agora chega de perguntas porque você já está parecendo um grilo falante!



ISBN 978-85-63792-75-4

